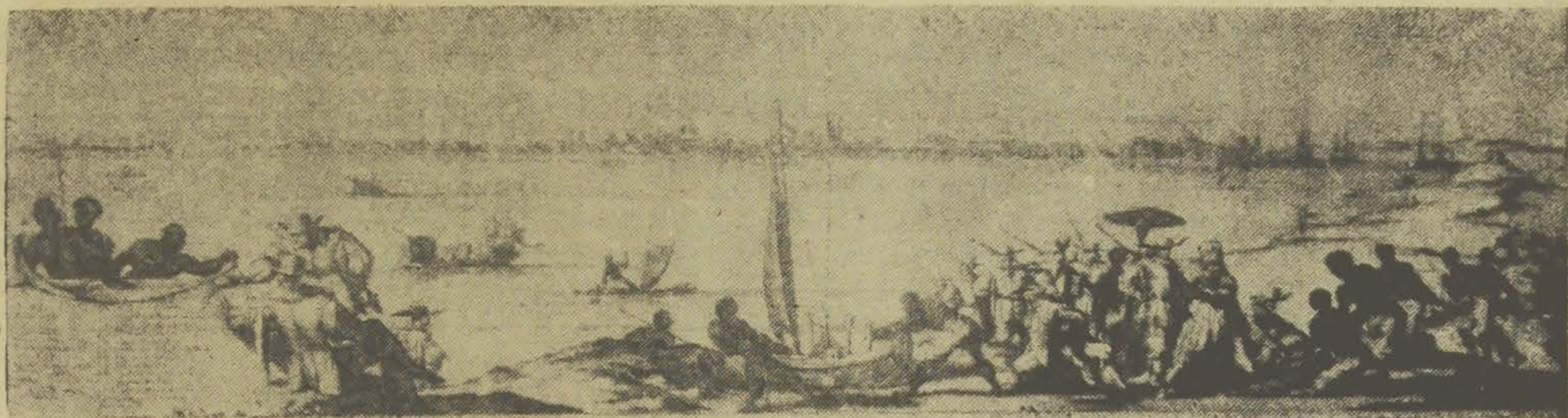


Correio das Artes

Ano I Número 6

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO"

Domingo, 1-5-1949



A Formação de Joaquim Nabuco

ORLANDO ROMERO

DOS fatores que concorreram para formar a personalidade de Joaquim Nabuco, temos que ressaltar: a sua infância entre os escravos de Massangana, a Constituição inglesa de Walter Bagehot, os ensinamentos do barão Tauphot e, por último, a cultura européia.

Os seus primeiros oito anos vividos na vasta região pernambucana, onde os canaviais vegetam exuberantes, imprimiram fortemente em sua alma o amor pelo escravo.

As impressões colhidas nos primeiros anos da existência facilmente crescem em nossa imaginação. Assim, aquele jovem escravo de 18 anos que se lançara trêmulo, aos pés do pequeno Nabuco, rogando para que sua madrinha, D. Ana Rosa Falcão de Carvalho, o comprasse; o pavor incógnito que o negro demonstrava pelo impiedoso patrão da vizinhança; revelaram-lhe a extensão e a complexidade de um drama. Si Nabuco fôrre senhor do engenho, ele, sozinho, sem esperar pelos demais, teria dado alforria imediata a todos os homens de cor. Todavia, ele fôra "deposto" com a morte de sua madrinha, a venerável e magnânima senhora que, embora parálitica, era o anjo das senzalas. A morte de D. Ana Rosa foi para Nabuco "a cortina preta que separou do resto da sua

vida a cena de sua infância". Massangana fôra invadido e ocupado incontinenti. Nabuco exilara-se no Rio de Janeiro, em companhia do seu illustre pai.

Mesmo na metrópole, longe dos canaviais do Cabo, o futuro diplomata experimentava aquela "singular nostalgia, que muito espantaria um Garrison ou um John Brown: a saudade do escravo".

Dôze anos mais tarde, dominado por essa nostalgia, regres-

sa a Massangana. A almanjara desaparecera. A Uzinga transformara a paisagem inocente do engenho. Cheio de recordações percorreu os campos verdes de cana e, em prece, pisou o cercado que outrora servira de cemitério aos negros. Apenas cruces abandonadas entre touceiras de urtigas assinalavam, em promiscuidade, os restos daqueles que haviam incorporado as suas vidas ao futuro de Massangana. Nabuco aspirou solenemente o ar fresco,

Invocou os manes queridos pelos nomes, e ficou-se em silêncio.

Esse fato traça definitivamente a carreira política de Joaquim Nabuco: seria abolicionista. A sua inteligência e o seu verbo inflamado defenderiam os direitos dos emigrantes do continente africano. Essa a sua maior preocupação. O traço característico de sua personalidade.

* * *

Em todos os detalhes da vida de Joaquim Nabuco notamos uma excentricidade jamais superada por qualquer outro vulto. Espírito aristocrático, foi verdadeiramente l'ami du peuple. As classes oprimidas viam nele o seu advogado, o seu defensor entusiasta. Monarquista por princípios, continuou até o fim de sua vida amando o Império. Entretanto, a escravidão fazia com que tergiversasse dos rígidos preceitos monarquicos.

A impressão geral era de que Nabuco seria um republicano autêntico graças ao fundo hereditário do seu liberalismo. Isso porém não aconteceu. No campo ideológico Bagehot influenciara profundamente o seu espírito. Não era possível afastar-se do monarquismo. Bagehot dominara-o de modo absoluto. E esse domínio atingiu o máximo quando de sua visi-

TARDE DE INVERNO

OSORIO PAES

A tarde ensombra o mundo em ritos vários
Que, ourando cinza, a noite recrudescer;
Divaga um cheiro suave de sacrários,
Purificado de louvor e prece.

O braço cede á voz dos campanários,
Sustando a enxada em golpes pela messe;
Renasce o amor nos ramos solitários
Na paz dos ninhos onde o amor floresce.

Um ponto fosforeja como braza,
Incerto, alado como chispa de asa,
— Vagalume a fulgir de moita em moita...

Cai a chuva em cortina de vidrilho,
O céu se mostra fundo, sem um brilho,
E o vento uivando, os matagais agoita

ta à Inglaterra. A teoria de Bagehot era praticamente exercida em Londres. "Apesar dos seus séculos de nobreza, — diz ele em Minha Formação, — das suas residências históricas, da sua riqueza e posição social, o marquês de Salisbury e o duque de Westminster estão certos de que diante do juiz são iguais ao mais humilde de sua criadagem. Esta é, a meu ver, a maior impressão de liberdade que fica na Inglaterra. O sentimento de igualdade de direitos, ou de pessoa, na mais extrema desigualdade de fortuna e condição, é o fundo da dignidade anglo-saxônica.

A formação intelectual de Joaquim Nabuco está intimamente ligada ao barão Tautphoeus. Este representava Sócrates, e aquele Alcibiades. Toda a geração de novos recebia a sabedoria de Tautphoeus, esse alemão que amava o Brasil mais que a sua própria terra. O entusiasmo de Nabuco por esse sábio chega ao auge quando escreve: "O resumo da impressão que eu guardo dele está feito por Goethe conversando com Eckermann sobre Alexandre de Humboldt: "Que homem ele é! Há tanto tempo que o conheço, e ele é sempre novo para mim. Pode-se dizer que não tem igual, nem em ciência, nem em experiência. Além disso, há uma variedade de aspectos nele como não encontro em ninguém. Qualquer que seja o assunto da conversa que se procure, está sempre no seu próprio terreno e despeja sobre nós tesouros de informações. É como uma fonte de várias bicas, sob as quais basta colocar um cântaro para logo o encher, e donde estão sempre a correr jorros de água fresca e inesgotável. Ele passará aqui alguns dias, e já me parece que há-de ser para mim como se tivesse vivido muitos anos".

Regressando de Paris Nabuco vinha impregnado de francesismo. Adorava os costumes europeus. Alencar com seu brasileirismo, cheio de

palmeiras e de horizontes azuis, envolver-se em sérias polémicas com o diplomata recém-chegado do Velho Mundo. Felizmente, tudo passa sobre a terra... Foram os impulsos de uma mocidade vigorosa que de certo modo feriram o sentimento de brasilidade do autor de IRACEMA.

Durante muito tempo Ernesto Renan foi o ídolo de Joaquim Nabuco.

A sua primeira impressão frente a Renan foi de encantamento. Ofereceu ao mestre o seu livro de versos — *Amour et Dieu*. Mas Renan era um crítico magnânimo e de modo algum decepcionaria um jovem intelectual.

Nabuco declama uma óde à França, e é a Alsácia-Lorena quem fala à Alemanha:

NOUS SOMMES LES DEUX
[BRAS MUTILÉS DE LA
[FRANCE,
QU'ELLE TEND TOUJOURS
[VERS LE CIEL!

O próprio autor confessa que os seus versos pertenciam mais à eloquência que à poesia. Entretanto Renan sabia encorajar os estrejantes e, em carta a Nabuco, diz: — "Oui, vous êtes vraiment poète. Vous avez l'harmonie, le sentiment profond, la facilité pleine de grâce".

Infelizmente o próprio Renan deixa-se trair nos *Souvenirs d'Enfance et de Jeunesse*: — "Um poeta, por exemplo, nos apresenta os seus versos. É preciso dizer que são admiráveis, porque sem isso seria dizer que eles não têm valor e fazer uma injúria mortal a um homem que teve a intenção de nos fazer uma civilidade".

É Nabuco quem nos revela tudo isso "para acautelar o talento que estréia contra a perigosa sedução da estrapelia literária".

A vida de Joaquim Nabuco e a formação do seu espírito representam páginas das mais gloriosas de nossa história e de nossa formação.

SIMBOLO

EUDES BARROS

"MAMÃE, EU QUERO UM VELOCIPEDE!" ERA
COMO SE LHE DISSESSE: EU QUERO A LUA...
UM CARRO ASSIM... (QUE SONHO! QUE QUIMERA!)
SÓ POSSUE QUEM DINHEIRO OU BENS POSSUA.

E EU ME REVOLTO CONTRA A SORTE CRUA
DOS POBRES, CHORO! E COM OLHAR DE FERA
VEJO UM MENINO RICO IR PELA RUA
NO VELOCIPEDE QUE O PAI LHE DERA.

COM QUE INVEJA O CONTEMPLO! TÃO RISONHO
GUIANDO O CARRO!

E EU DE SONHAR NÃO PARO.
SEM VER QUE TUDO QUE NA VIDA EU SONHO

É UMA ETERNA MIRAGEM ESCARNINHA
É AQUELE VELOCIPEDE TÃO CARO
QUE AS CRIANÇAS RICAS TINHAM E EU NÃO TINHA...

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor: SILVIO PORTO

João Pessoa, 1 de maio de 1949

'CORREIO DAS ARTES

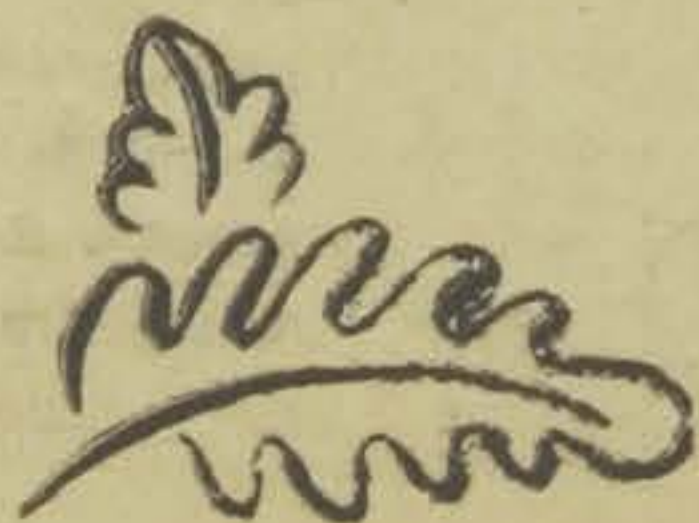
Orientação de EDSON REGIS

COLABORADORES

A. Accioly Netto, Aderbal Jurema, Afonso Felix de Sousa, Afranio Coutinho, Antonio Bento, Antonio Brayner, Antonio Franca, Bandeira Tribuzi, Bezerra de Freitas, Brito Broca, Carlos Romero, Celina Aguirre, Celso Otávio Novaes, Clovis Assumpção, Clelia Silveira, Clovis Moura, Cyro Pimentel, De Castro e Silva, Djacir Menezes, Dilermando Luna, Edmur Fonsêca, Edson Nery da Fonsêca, Enrico Camerini, Evaldo Coutinho, Fernando Ferreira de Loanda, George Mattos, Gilberto Freyre, Guerra de Holanda, Hamilton Pequeno, Haroldo Bruno, João Condé, João da Veiga Cabral, João Cabral de Melo Neto, José Paulo Moreira da Fonsêca, José Lins do Rêgo, Juarez Batista, Léo Ivo, Lucia Miguel Pereira, Lopes de Andrade, Malaquias Abrantes, Mario Quintana, Manuel Bandeira, Manuel Diégues Junior, Maria da Saudade Cortezão, Nice Figueirêdo, Nilo Pereira, Orlando Romero, Otto Lara Rezende, Péricles Leal, Raul Lima, Reinaldo Moura, Sosigenes Costa, Tullo Hostilio Montenegro, Van Rogger, Wilson Chagas e Wilson Martins.

ILUSTRADORES

Arnaldo Tavares, Arpad Szenes, Augusto Reynaldo, Carlos Thiré, Cicero Dias, Fayga Ostrower, Helio Feijó, Hermano José, J. Lyra, Ladjane, Pancetti, Santa Rosa, Van Rogger, Yllen Kerr, Woller e Zuleno Pessoa.



Algumas sugestões para uma defesa do Existencialismo

WILTON VELOSO

TODOS os que combatem ou condenam o existencialismo cometem invariavelmente, um erro injustificável: colocam-se diante deste movimento filosófico numa atitude de perfeita ordoxija. O que equivale dizer sustentam, dogmaticamente, uma crítica unilateral a certos princípios e conceitos filosóficos cuja natureza essencial é serem múltiplos e universais. Até agora não conseguiu atinar com as verdadeiras razões alegadas por alguns desses adversários — quase sempre sistemáticos e intransigentes — do existencialismo contemporâneo. Confesso, aliás, que não me move

contra eles nenhuma antipatia ou desdém. Isto porque é ainda o existencialismo que os explica e justifica dentro de suas próprias contradições ou diversidades aparentes.

Condenando, ou ainda, lutando contra o existencialismo, eles assumem — e bem paradoxalmente — uma atitude tipicamente existencialista. Mesmo porque, dentro dele não há lugar para as diferenças extremas, para as condenações absolutas ao mesmo tempo que tudo aceita e justifica. As tendências metafísicas mais inconciliáveis e antagônicas encontram no existencialismo os seus pontos

de apoio e ligação. Suas contradições e dualidades se conciliam e se harmonizam. Realiza uma confraternização que aproxima todas as divergências e onde todas as diferenças se eliminam ou desaparecem. Daí as graves acusações de ser destituído "de qualquer ligação, de qualquer lógica de qualquer sentido", de ser chamado "espião perigoso da burguesia", destinado por ela a desagregar e enfraquecer as forças do progresso e da democracia". E ainda, de "sufocar a coragem e corromper a consciência pelo veneno do pessimismo, da falta de ânimo e perspectiva". Acredito que esses acusadores sejam bem intencionados, o que não acredito é que sejam inteligentes. "C'est avec les beaux sentiment qui lon fait la mauvaise literature" — diz André Gide e eu concordo plenamente.

Ao observador comum, ao cronista que procurasse delicadamente perpetrar heresias, a utilização dessa esportezinha — diria melhor dessa ginástica intelectual — ainda assim não resolveria o problema. Não conseguem comover sequer. É como se estivéssemos a ouvir um refrão mil vezes repetido, perdidamente monotono e inútil. Era como se de Fradique, vivo e bolinado distessem de novo para nós, entaticamente: "a forma de V. S. é um mármore divino com estremecimentos humanos..." Para estes melancólicos senhores talvez deveríamos estar, panglossianamente, em perene idade de Saturno, alimentados em corpo e espírito, pela pura e simples contemplação do absoluto. Seriam capazes — tenho minhas dúvidas — de dizer que nem há existencialismos, apesar de ser fato concreto, material. Houve. Aconteceu. Mesmo assim, eles insistiriam numa longa e erudita tirada científica, afim de provar toda a sua desoladora morte. Por isso, como dizia, não nutro por eles nenhuma antipatia. Ao contrário. Sinto apenas um grande, uma enorme ternura por eles e uma

vontade medonha de dizer aqui como o poeta Murilo Mendes:

"Ó amigo, não há formas pensar
[das]
Não existe o dia nem a noite
Quando somos possuídos por
[uma só grande idéia.
Que estrangula os fantasmas
[e as dimensões".

Mas, pergunto agora: se o existencialismo nada significasse de valor, de experiência, e de renovação, como explicar, então, a sua enorme repercussão, a sua influência inegavelmente poderosa e atuante na luta pela reconquista da liberdade e da dignidade humanas? Como justificar a sua atividade criadora e construtiva a não ser pela soma de verdades que acrescentou ao nosso patrimônio cultural pela aventura personalíssima dos processos de conhecimento?

Sabemos que o existencialismo, ao contrário das outras correntes do pensamento filosófico do passado como o racionalismo o evolucionismo, o positivismo, não é um sistema fechado de filosofia. Nem um sistema tampouco. Mas, um movimento que se caracteriza por uma extrema mutabilidade, por um disponibilismo eterno, por uma permanente tentativa de apreensão das verdades essenciais em constante "devenir".

O seu dinamismo incessante atinge igualmente todas as variações emotivas e percorre toda a escala dos valores estéticos e morais pelo que se chama, em linguagem existencialista, "um olhar sobre a existência".

A poesia moderna — que constitui, sem dúvida, a maior tentativa de libertação pela intuição pura e pelo extremo subjetivismo — é ela mesma, a prova mais evidente de sua poderosa repercussão nas artes contemporâneas. Lembro que para Heidegger, filósofo existencialista alemão, a poesia é o mais nobre e puro instrumento de comunicação e conhecimento da realidade.



O pintor Pancetti, quando marinheiro, hasteando a bandeira do navio, em 1928, no porto de Belém.

Isto é o que sentimos na obra de quase todos filósofos e pensadores contemporâneos. E que vem demonstrar eloquentemente a identidade da poesia e da filosofia na especulação metafísica dos seus métodos para a investigação e penetração da realidade ontológica. Certamente, na obra de Bergson, na de Croce, na de Max Scheler ou na de Gabriel Marcel, em todos estes ninguém poderá dizer com precisão onde acaba o poeta e começa o filósofo. Justifica-se aqui, plenamente o conceito gassendiiano: "el poeta comienza onde el filósofo acaba". E' ainda Heidegger quem afirma que "experiência lúida de um Stefan George, de um Rilke, de um Paul Valéry consegue tudo o que escapa aos processos racionais: à dialética intelectual e ao jogo psicológico das imagens, das associações mecânicas", (M. Heidegger — *Questões de metafísica*?)

Pelo seu conteúdo o existencialismo se afirmou o mais autêntico representante daquele sutil "esprit de finesse" pascaliano, e pela sua forma e sentido revolucionário demonstrou a sua capacidade essencialmente renovadora da inteligência.

Já ouvi dizer que há experiências de que jamais voltamos atrás e que a experiência de liberdade era uma delas. Em verdade, o existencialismo empreende uma coisa semelhante ao que Bergson convencionou chamar de "experiência de liberdade" e que está no centro de toda a arte moderna. Mas o fez num sentido que ultrapassa, de longe, todas as tentativas anteriores. Num sentido em que mais se evidencia o seu aspecto civilizador e transcendente: facilitando a expansão das virtudes individuais e o aperfeiçoamento dos atributos mais característicos da personalidade humana. Pois, mais do que uma simples tendência especulativa o existencialismo é um novo humanismo. Não sómente do ponto de vista sartreano (Existencialismo est un humanisme. — Jean Paul Sartre.) mas num sentido amplo e universal. Predominantemente idealista e espiritual. Muito menos idealista do que espiritual. Recolocando corajosamente, o homem no centro de suas investigações e sondagens espirituais, à maneira do passado humanismo. Com uma diferença, apenas: é que o faz de modo total e ilimitado. E

ainda num sentido de luta. De luta contra o individualismo, principalmente. O erro tem sido quase sempre, como dizia, confundir individualismo com humanismo. Confundir, lamentavelmente, "indivíduo" com "homem", considerado num sentido de universalidade de seus atributos e qualidades. Não concordo, pois, quando ao tentar fazer uma interpretação do existencialismo o sr. Silvio de Macêdo diz não ser "ele (o existencialismo) outra coisa senão um radical individualismo". E acrescenta esta outra barbaridade: "O humanismo existencialista é apenas isto: um antropocentrismo (sic) essencial". Quero chamar a atenção do sr. Macêdo, que o existencialismo além de sustentar uma luta contra o individualismo, sustentara também contra as formulas e contra o rigorismo estático dos sistemas precedentes. Conflito, aliás, renovado em todas as épocas, constituindo mesmo um processo constante de humanização das conquistas materiais e espirituais do homem. Pois, se no passado o humanismo não foi senão a expressão cultural de uma geral renovação histórica, atualmente o existencialismo representa — como

diz Alvaro Lins — "uma transcendência dos sistemas, uma maior possibilidade para conquistas pessoais da verdade e do conhecimento".

Retomando a lição legada pelo humanismo ele encaminhou-se para uma procura mais efetiva dos valores universais do espírito. O que representa, de qualquer maneira uma atitude corajosa diante da vida e dos seus problemas mais profundos. Uma consciência mais nítida revalorização da personalidade humana na história do mundo e do sentido heroico do próprio destino. O existencialismo reflete, além do mais, nos tempos modernos, como uma experiência espiritual sem precedentes, no sentido de uma total emancipação do homem de qualquer forma de escravidão. Experiência que nos levará sempre e inevitavelmente, para novos caminhos e para novos horizontes. Como uma solução constantemente renovada e desejada. E também para trazer-nos um novo ar, mais puro e menos sufocante, onde a nossa respiração não seja tão penosa e difícil como a de nossos dias.

Hai-Kai de Eduardo Martins

SERENIDADE

Plenilúnio. O disco
da lua no lago flutua.
N'agua um junco é um risco.

BUCOLICA II

Pela estrada passam
bois pacíficos. Vão tardos,
tristes, ao crepúsculo.

HARMONIA

Nem vozes, nem vento.
É o que torna assim audível
o grande silêncio?

PÁSSARO

Asperge-se, ao sol.
Uma gotinha de luz
no seu bico tremeluz.

REFLEXÃO

O' solidão, como
a tua duração é longa,
parece infinita!...

DOIS POEMAS

GARÇAS

Vôam, balançam-se nas ondas.

O pálio de linho de suas asas
num fundo de céu violêta...

VIAGEM

U'as mãos pendidas de amuradas
e o mar...

Breve Nota Sobre um Livro

FRANCISCO VALOIS

O que há, em particular, de original na poesia de Guerra de Holanda é, como em Carlos Drummond de Andrade, o cenário das misérias e a análise das soluções temáticas e sociais. Ele reflete a realidade em toda a sua plenitude, procurando objetivar sua poesia, substanciada e triste, em contacto com o público, numa interpretação estética e integral, o que, geralmente, foge da contemplação de muitos poetas, que se deixam incompreensíveis pelo seu hermetismo.

Não há dúvida que "O ROSTO", de Guerra de Holanda — Edições da Revista Região — Recife, assim, uma determinada similitude (o que está entranhado na forma poética) do poeta de "AUDACIA" com as normas conceptivas de o autor de "Rosa do Povo", o que não é estranho ser observado entre dois seres contaminados pela aspereza do mundo e as injustiças frias da época; dois cantores da miséria humana, que conduzem no mesmo tumulto.

Seus poemas revelam que são de um homem que age com a inteligência de seus limites; insatisfeito, sempre, com as visões panorâmicas que se descortinam ante os seus olhos, empenhando-se por uma medida essencialmente artística trilhando um caminho prático e definitivo.

Seus temas não fogem à bestialidade das coisas fúteis, não se utilizam das concessões fáceis, mas de um tributo condicional e humanos surgido da condição nitidamente ideológica do homem ante os aspectos e os princípios sociais da época.

O que ainda admiramos em "O ROSTO" é a sua sensibilidade poética que surge entre o sentimento e a inteligência.

E' como disse Drummond a seu propósito.

"E' a poesia de um homem sensível e solidário, capaz de restaurar a antiga nota romântica para despertar nos leitores algidos de nosso tempo, o amor e a piedade pelos que foram postos à margem da vida e dos bens da classe. Poesia, enfim, que acorda em todos a "vontade quasi morta de acariar".

O jovem poeta nasceu na liberdade, e da liberdade de pensar e agir fez a sua arte; e sua arte reside na construtividade de seus poemas, confundindo-se com a sensibilidade comvente de seu temperamento sentimentalista. Daí se apresentando como um poeta do povo e do seu tempo.

Sua poesia é encontrada na dramaticidade do cotidiano e com ela se confronta, astando em cada traço bem acentuado os costumes das mulheres perdidas e sua própria vida.

Vejamos aqui — aliás sintamos — no poema "Rua do Bom Jesus", um breve aspecto de sua poesia que bem caracteriza a fonte de sua poética.

"Cicatrices reluzem em [pernas ambulantes como advertências tremendas aos homens incautos"

Depois de sentirmos e contemplarmos o poeta cantando as mulheres de vida fácil, vejamo-lo palmitilhando os caminhos sinuosos e sombrios da existência, em "OS SETE CAMINHOS DO FORAGIDO":

"Sei que mulher nenhuma suportará a aventura de [minha companhia, a nômade aventura de quem será sempre um estrangeiro em todas as

[terras, incerto como os saltimbancos, como as ondas, como os ciganos, ligado ao mundo pelo vinho e pelos últimos amigos que restarão [no lar, com as mesmas olheiras e

os mesmos sofrimentos [profundos.

Sei que mulher nenhuma suportará a aventura de [minha companhia, a companhia de quem [anda sem bússola, porque todo caminho é seu, a companhia de quem vive seduzido pelo mistério da vida que repousa no [outro dia.

O sofrimento vive nêle, como um sorriso á flor dos lábios: os sofrimentos das injustiças, as situações dos meios mundanos e a experiência da vida, que são contemplados, por um prisma, pela visão do poeta. E, no "Poema da Necessidade Imprescindível", êle nos revela um grande desejo, desejo de uma necessidade que todos nós sentimos

"Mas, hoje, eu quero, Se-

[nhor, que me dês Sônia, a prostituta Sônia, que não quer mais pecar, não quer mais pecar!"

"Convite ao Sofrimento", "O Filho", "A Galera do Desespero", "Ultimatum a Josefina Baker", "O Rosto", "A Virgem Desnuda", "Ladainha", são qualidades notáveis do "grande poeta displicente", sobretudo, uma coleção de sentimentos em forma de beleza e perfeição, que bem o define como um verdadeiro e raro poeta (com P. maiúsculo) no cenário da jovem poesia brasileira.

Devemos expor os nossos aplausos á Revista "REGIÃO", pela relevante iniciativa, como ao poeta Edson Regis, um dos autênticos valores da geração nova — pela oferta do opúsculo em alusão.

União dos Palmares — Março de 1949.



O ATALHO

FERNANDO FERREIRA DE LOANDA

Na orla de um bosque de alcendros com fanais de resina, os reflexos avermelhados, proporcionando o dia a certos recantos, a noite mais densa noutros despetalaremos o emanar da rosa branca.

— Olha a lua! dirás. A lua líquida.

A teu lado na praia sem resquícios de finito, afastarei as gaivotas que vêm sóregas, ao mar de tuas orbitas.

O cianótico de meus lábios, se dissolverá fundindo-se ao morno roseo halo de teus seios, onde hauridos sonhos tombam. Os sonhos pálidos que não sonhamos

Para refrescar tua boca, folhas molhadas trarei, na madrugada, com sangue. E sós, como pancadas de sinos à meia-noite silente, diluiremos o imponderável irizado atando uma pedra às lembranças transfugas, de retorno aos abismos como a marinheiros sepultos no mar.

RAMÓN OTERO PEDRAYO

CLOVIS ASSUMPCÃO

NÃO é grande o número de ficcionistas preocupado com os problemas da infância e da adolescência. Assim, entre os modernos portugueses, excluindo Adolfo Casais Monteiro, Pereira Gomez e Tomaz Ribas e entre os brasileiros, José Lins do Rêgo, Athos Damasceno Ferreira e Telmo Vergara, poucas experiências encontramos. O mesmo não acontece com a França que, desde as menores Gabriel d'Aubert e russa-francesa Irena Ne-mirowski aos maiores como o norte-americano-francês Julien Green, Fournier e Cacteau mergulham nesta zona encantadora e perigosa. Perigosa porque o indivíduo, ao sair de sua tormenta, incongruência e milagre, esquece tudo ou procura consciente e inconscientemente este esquecimento. Olvidar para viver de novo. Devendo à luta pela vida, não admite debilidades, e procura abandonar a incomoda sobrecarga de sonho, inquietação e fuga, fatores primordiais da tessitura da meninice e da adolescência, fase quasi fora do mundo. Daí uma certa coragem exigida, e, às vezes, inexplicável solicitação da necessidade, para a volta e incursão ao delírio, engendrado pelo demônio e pelo anjo, sendo difícil ao artista restar em coabitação, em tempo brusco e permanente. Assim na literatura galega, que juntamente com a vasca, a catalã e a astelhana, constituem e dão à literatura espanhola fôros de excessão, ainda entre os contemporâneos, temos José María Tenreiro, Rafael Dieste e Ramón Otero Pedrayo, abordando o tema.

Ramón Otero Pedrayo, homem da ciência e da arte, é um espelho da cultura galega, da importância e eminência de Benito Jerónimo Feijó e Valle Inclán, seus antecessores, também galegos. Em sua variada e já vasta obra, tem destaque de cristal o romance "Adolescência".

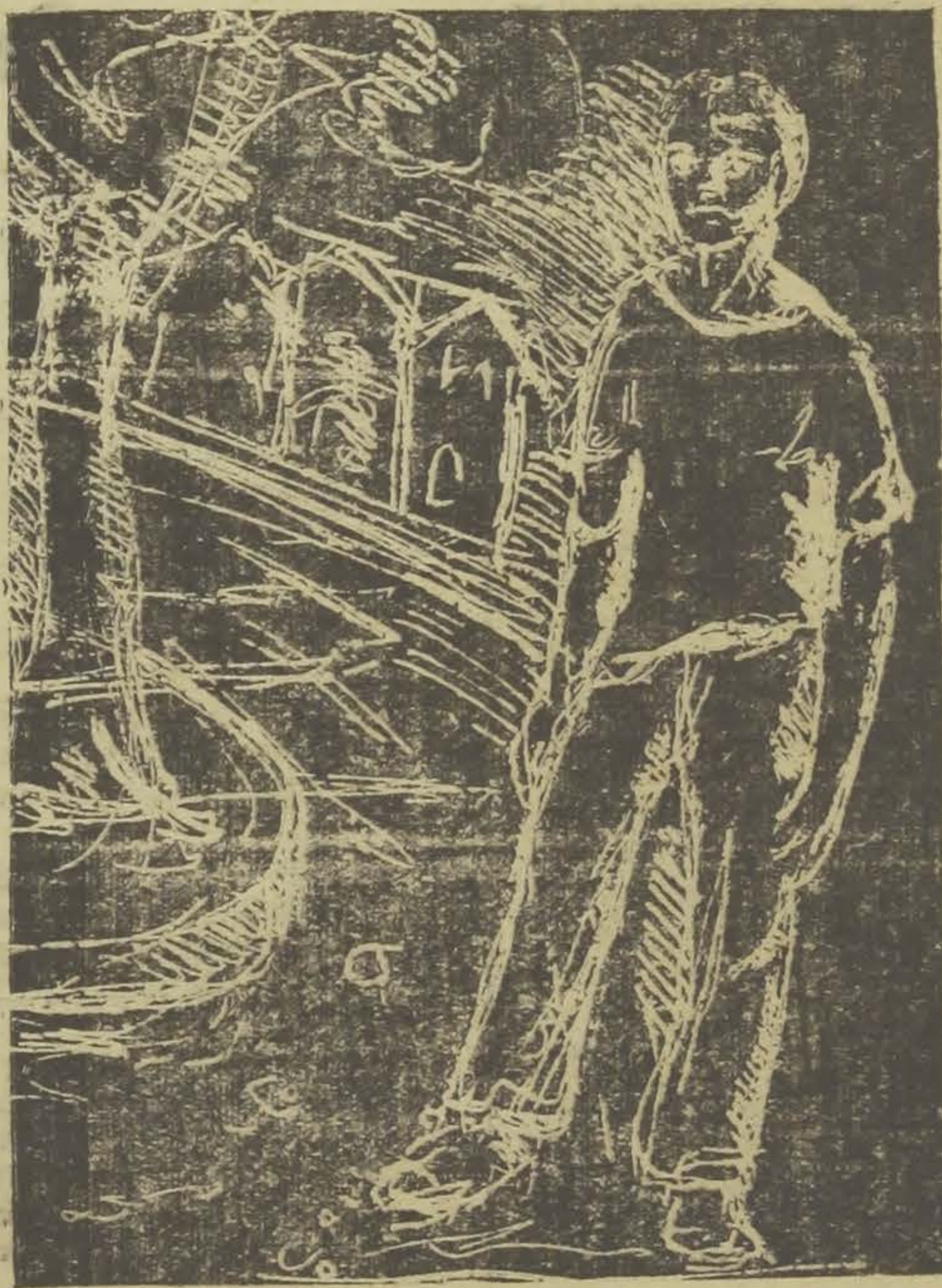
O livro de Pedrayo não está sujeito a uma história,

pela qual tenham de escorregar os personagens em comum desdobramento novelístico. A arquitetura do assunto é revolucionária. Existe apenas análise e narração da vida comum e da mágica, o encontro com o vulgar, o ocasional. Os meninos transmutando a realidade de todo o dia pela maneira de conceber própria da idade. Sendo assim não há equilíbrio, nem placidez. Enormidades e deformações. Os incidentes sobrepõem-se de modo doloroso, criando um ambiente de vida irregular e até medonha, no mundo calmo e simples, despido dos grandes problemas dos adultos. A opinião desses jovens estudantes de liceu e de seminário de uma cidade da província, vai configurando suas personalidades. Daí o intimismo o tom de recolhimento de discrição derramado por todas as páginas.

Ao lado destes meninos vivos, em realidade engendrada com rara felicidade de ficção, evidencia-se um novo personagem, o cidadão de Orense, a própria Galicia, enfim. No capítulo "Guia Sentimental da Velha Auriá", manifesta-se mais do que em outro qualquer momento esta tônica da cultura galega, a presença da terra. No entanto, este regionalismo não implica nas investigações e modulações comuns. O regionalismo aqui assume o aspecto de condição. Não há pesquisa no sentido de apresentar e revelar elementos e diferenciadores. Existe uma incrustação íntima, profunda e permanente da realidade, traduzindo circunstâncias, condições, substâncias e fundamentos, de modo a torná-la inconfundível. Assim estão refletidas, geologia, geografia, paisagem, história e sociologia, galegas, sem o as-

pecto de um guia científico. Todos estes elementos pesados cautelosamente, embebendo o espírito do romance, graças à cultura e sutileza de Pedrayo. A presença do ouono e da nevoa é imensa. Preponderância levada ao máximo no espaço de "Sonata com nevoa invernal". O personagem principal José Ramón, da mesma forma que estabelecia relações com Lopez Pitri, Ceballos, Crespo e Santiago, o seminarista, as entrelinhas diretamente com a Galicia com a própria terra. Importantes afinidades por ele sentidas e realçadas. Surgindo influências insuspeitáveis, maiores do que as motivadas pelas primeiras mulheres. Este jovem com sua adolescência dolorosa e perturbante, atravessa o romance pleno de vitalidade. Nunca está demarcado num recorte psicológico ou moral, porque não há limitação nem contorno, por se tratar de uma pessoa iniciando a vida, como firmada em ponte sobre o nada. E levado José Ramón, doçura e candidez, em choque com os avisos, as antecipações, o inédito, apanhado em luz e vertigem em verdadeira arte por Ramón Otero Pedrayo, grande expressão do romance moderno da Galicia.

Deste modo inclui-se o romancista à corrente cultural galega, pela percepção e aceitação de sua tônica. Os filósofos, cientistas artistas galegos, tem apanhado sua terra tal como ela é, tal como parece ser e ainda no estágio de relação entre estas duas realidades, sendo o último procedimento o mais comum, o mais típico do exercício do conhecimento, estabelecendo o campo de experiência sobre o que especifica a metafísica platônica de "participação", tomados de uma vontade, de uma ansiedade sem limites, num profundo "apelo dos equilíbrios", como diria o poeta rumeno Eusebio Camilar.



BARNABÉ — Desenho de Aldemir Martins

Homenagem ao Poeta Morto

NÃO fazia ainda um mês que, quando eu passava por uma das nossas ruas com um amigo, encontrei Osório Paes abatido, trêmulo, com grandes olheiras.

E o poeta, logo que nos avistou, foi dizendo: "Estou líquidado; é questão de poucos dias — não seria surpresa se caísse aqui mesmo".

Evidentemente, era precaríssimo o estado de saúde daquele que, em seu tempo, foi talvez o mais festejado poeta lírico da cidade. Ali estava o boêmio inveterado das serenatas e noites alegres, os dias que já se foram; o moço elegante e sempre bem humorado que, com a sua musa e o violão, fizera época, enfeitando o coração das deidades — sensíveis à sua poesia e às suas modinhas.

Lembrei-me então do seu poema "Saudade", que em certa parte, assim diz:

"Olheiras fundas, rosto encaixado,
O paradoxo do que fora dantes;
Um vulto esbelto, bem configurado,
Que perturbou a calma dos amantes."

E, de fato, se cumprira o vaticínio do poeta. Na segunda-feira última, logo cedo, a notícia triste: morreu Osório Paes.

Naquela pezarosa manhã terminava a vida terrena do mais querido poeta lírico do seu tempo, na nossa pequenina Paraíba.

Quem naquela época não recitou ou assistiu alguém recitar "Palidez"?

Em versos que eram tão

repetidos, Osório Paes, num mundo que descambava para a vertigem dos interesses materiais e as cardeas do egoísmo, exaltava o Amor, a Beleza, a Saudade, a Compreensão Humana. Cantava, na sua poesia tão sentimental, as coisas mais belas da vida.

E morreu pobre de bens materiais, como tantos outros poetas, deixando uma companheira dedicadíssima que bem soube compartilhar do seu destino.

Certamente, um rúculo humilde há de cobrir os restos mortais do vate que se foi. Entretanto, o nome de Osório Paes ficará. Aqui, cabe o conselho de Flaubert: "Ama a arte mais do que a ti mesmo; é um amor que não falhará nunca — que a doença não atinge, nem a morte".

E, afinal, como alguém com



OSÓRIO PAES

muita agudeza já salientou, apesar de tudo, as maiores coisas da nossa época não partirão dos campos de batalha; hão de sair dos nossos cérebros e dos nossos corações. — Aurélio de Albuquerque.

Dois Sonetos De OSÓRIO PAES

Por insistência, meu retrato envio,
Que, até, por certo, incitará surpresa,
Expressão de quem mais não é sadio
E enluta uma existência de tristeza.

Desfez-se o riso meu... hoje não rio,
Desalentou-se a lepida viveza,
Vagueio pelos cismas, erradio,
Buscando sonhos pela Natureza.

Nossa afeição partiu da mocidade,
Por isso, te ofereço o meu retrato,
Prolongando ainda mais, nossa amizade.

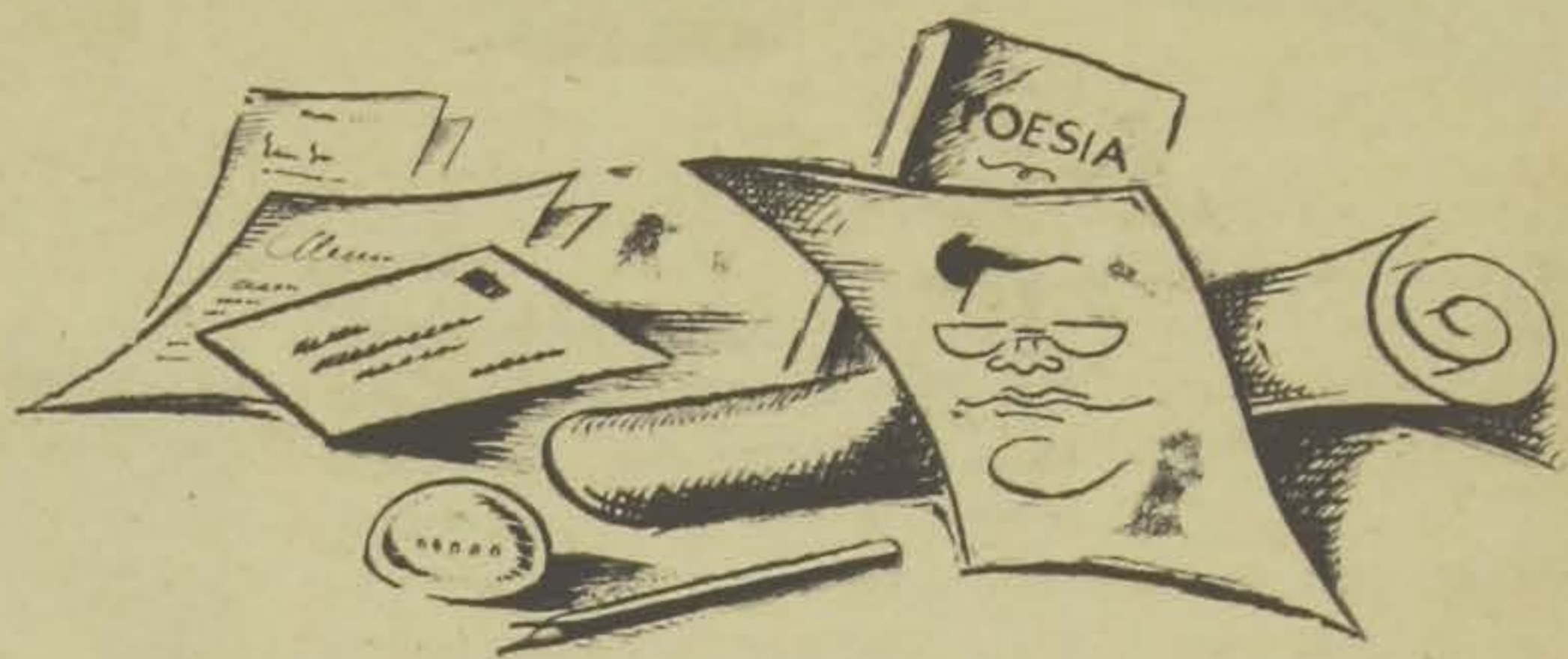
Na tua sala, em posição discreta,
Embora, deslustrando o lindo ornato,
Deixa entre os teus, ficar também o poeta.

Saudade, ronda incerta da lembrança,
Em busca da ilusão nunca encontrada;
O bem perdido que não mais se alcança
De nossa vida na sinuosa estrada.

Antepassados tempos de bonança
De minha juventude descuidada;
Amante que não tem mais esperança
De novamente, se fazer amada.

Olhar que fica, quem se vai olhando,
Até fugir de vez pela distancia,
O adeus final, que acena o lenço pando...

Saudade, o poeta enfermo da tristeza,
Relendo, á noite apaixonada estância,
Á luz mortíca de uma vela acêsa...



ARQUIVO

JO

versos por
não estaria
riam OS A
João Condé.

FLASH

Rubem Braga

NASCEU EM 1913 EM CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM (E. SANTO).

ALTURA 1,72.

PESA 74 QUILOS.

SAPATO N. 40.

É BACHAREL MAS NUNCA ADVOGOU NEM TEVE EMPREGO PÚBLICO, EMBORA NÃO SEJA CONTRA NEM UMA COISA-NEM OUTRA.

É CABELUDO.

USA TALCO DEPOIS DO BANHO.

NÃO TEM RELIGIÃO.

SEMPRE VIVEU DE JORNAL.

ATRAPALHA A MULHER EM CASA.

É SONAMBULO FURIOSO.

SÓ ESCUTA RADIO PERTO DO CARNAVAL.

NÃO GOSTA DE POLEMICAS, NEM DE RESPONDER CARTAS (O QUE LHE DÁ REMORSO).)

É MUITO POUCO MUSICAL.

ADORA PINTURA, TANTO QUE TENTA PINTAR, MAS É RUIM DE MAIS.

GOSTA MUITO DE BICHOS.

SUA LEITURA PREDILETA: POESIA, GEOGRAFIA E HISTÓRIA.

LÊ MUITO POUCO ROMANCE.

DOS SEUS LIVROS PUBLICADOS PREFERE "COM A FEB NA ITALIA", PORQUE LHE DEU MAIS TRABALHO.

NÃO TEM HORA CERTA PARA ESCREVER, MAS PREFERE SEMPRE AS MANHÃS.

TEM MUITOS LIVROS SOBRE ANIMAIS, PRINCIPALMENTE PEIXES.

FOI CORRESPONDENTE DE GUERRA NA REVOLUÇÃO DE 1932 E NA ITALIA EM 1945-46.

TEM MAIS CONFIANÇA EM VIAJAR DE AVIÃO DO QUE NA CENTRAL DO BRASIL.

É HOMEM DE MUITOS AMIGOS E AMIGAS (TENDO MAIS CONFIANÇA NAS AMIGAS).

FAZ VERSOS, EMBORA MUITO RARAMENTE.

GOSTARIA DE SER FAZENDEIRO.

JÁ TEVE PAIXÃO PELO JOGO, MAS ENJOOU.

GOSTA MUITO DE FAZER E RECEBER VISITAS.

É TORCEDOR DO FLAMENGO.

AOS 19 ANOS FOI CONVIDADO PARA SER CHEFE DE POLICIA EM GOIÁS.

É SOCIALISTA.

FRUTA DE SUA PREDILEÇÃO: CAJÚ.

GOSTA DE VIAJAR E DE BEBER E SE QUEIXA DE QUE FAZ ESSAS COISAS COM EXCESSIVA MODERAÇÃO POR FALTA DE DINHEIRO.

GOSTA DE DORMIR A PRESTAÇÕES, E SEMPRE QUE POSSIVEL MUDANDO DE CAMA NO MEIO DA NOITE.

ACHA QUE OS JORNAIS PAGAM EXCESSIVAMENTE MAL.

GOSTARIA DE NÃO PRECISAR ESCREVER TANTO.

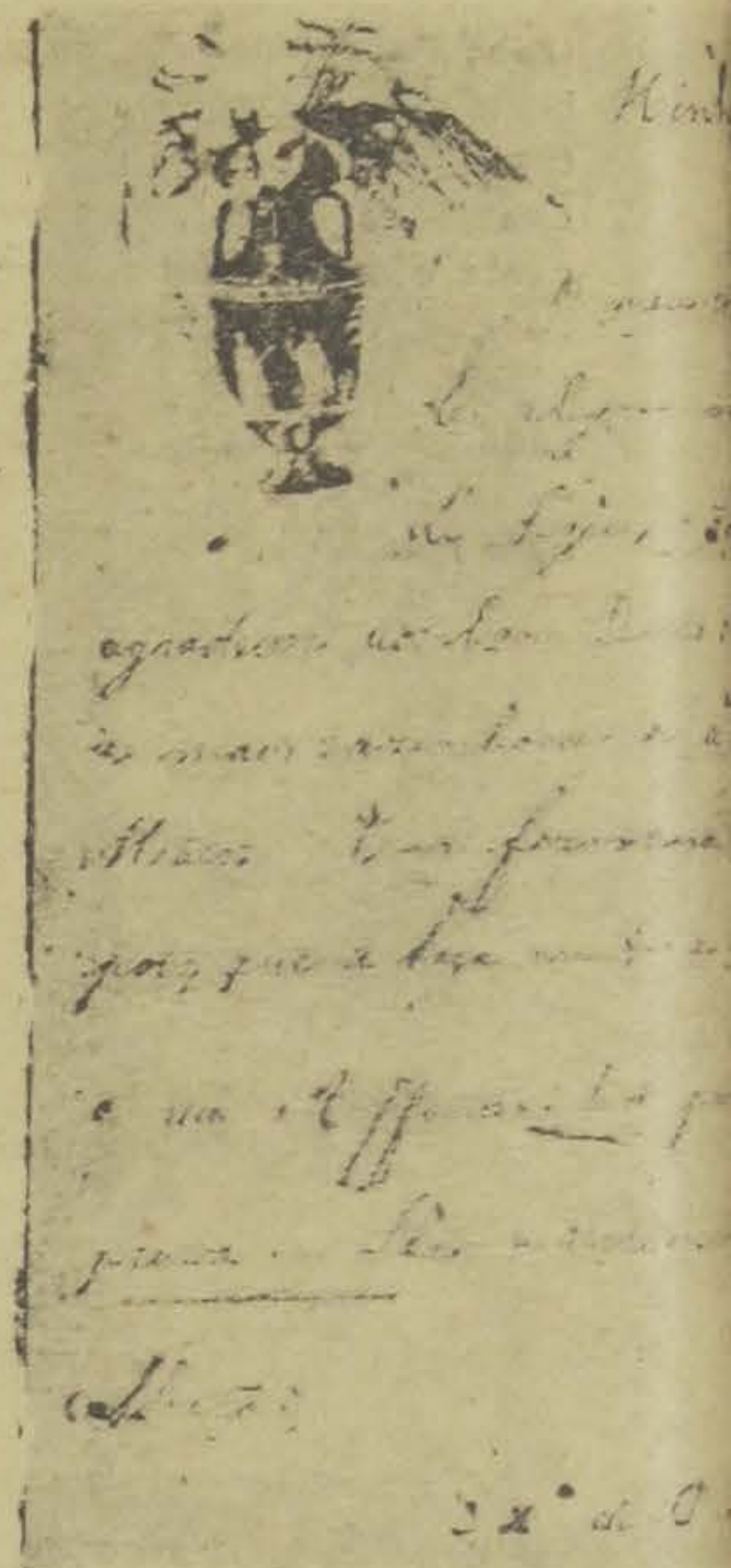
ESCREVE À MÁQUINA, E MUITAS VEZES ENQUANTO CONVERSA.

FUMA "LIBERTY" OVAIS, UNS 50 POR DIA.

GOSTA MUITO DE CAÇAR E PESCAR; RARAMENTE O FAZ.

É TÃO MAU FISIONOMISTA QUE BATEU UM PAPO DE VINTE MINUTOS COM UM MINISTRO DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, PENSANDO QUE FOSSE UM

VELHO "CAVADOR" DE PUBLICIDADE.



Fac-Simile de uma carta de Melo Franco, escrita aos

VAI MUITO À PRAIA E ACHA T
SOBRE LOMBO DE PORCO A MIN
FEZ MONTEIRO LOBATO
AUGUSTO FREDERICO SO

FOI GAGO DE 4 AOS 6 ANOS.

SOFRE DE FALTA DE RITMO E PO

ESCREVE MUITO SOBRE MULHE

NÃO TEM MEDO DE MORRER, MA

GOSTA DE PASSEAR DE BICICLET

SANTO DE SUA SIMPATIA: NOSSA

VAI MUITO POUCO A CINEMA E T

LEVANTA-SE TODAS AS VEZES

SO FAZ BARBA EM BARBEIRO (A

ANUNCIO DA "GILLETTE

ACHA QUE MORRERÁ ENTRE 50

MADO.

LACAVEIS

NDÉ

gasse os meus
ôjo da poesia,
extinção: resta-
LACAVEIS de
de Andrade.



Fotografia tirada em 1915 no seminário da Prainha, em Fortale-
za quando Austregesilo de Athayde cursava o 1.º ano de Teologia



Baudena:
in. de culpa

F.S.
49

Desenho do poeta Manuel Bandeira
feito pelo escritor Fernando Sabino

QUALQUER LUGAR EM MONHANHA.
ARTIGO QUASE SENTIMENTAL, QUE
RA CASA DANDO INSTRUÇÕES E
R UM DOMINGO ÀS 11 HORAS.

AL, O QUE O DESOLA.
TIMIDO.
AS CHATAS.

ENHA DE VITÓRIA.
S A CONFERÊNCIAS.
EM CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM.
RA JÁ TENHA REDIGIDO MUITO

DADE E GOSTARIA DE SER CRE-

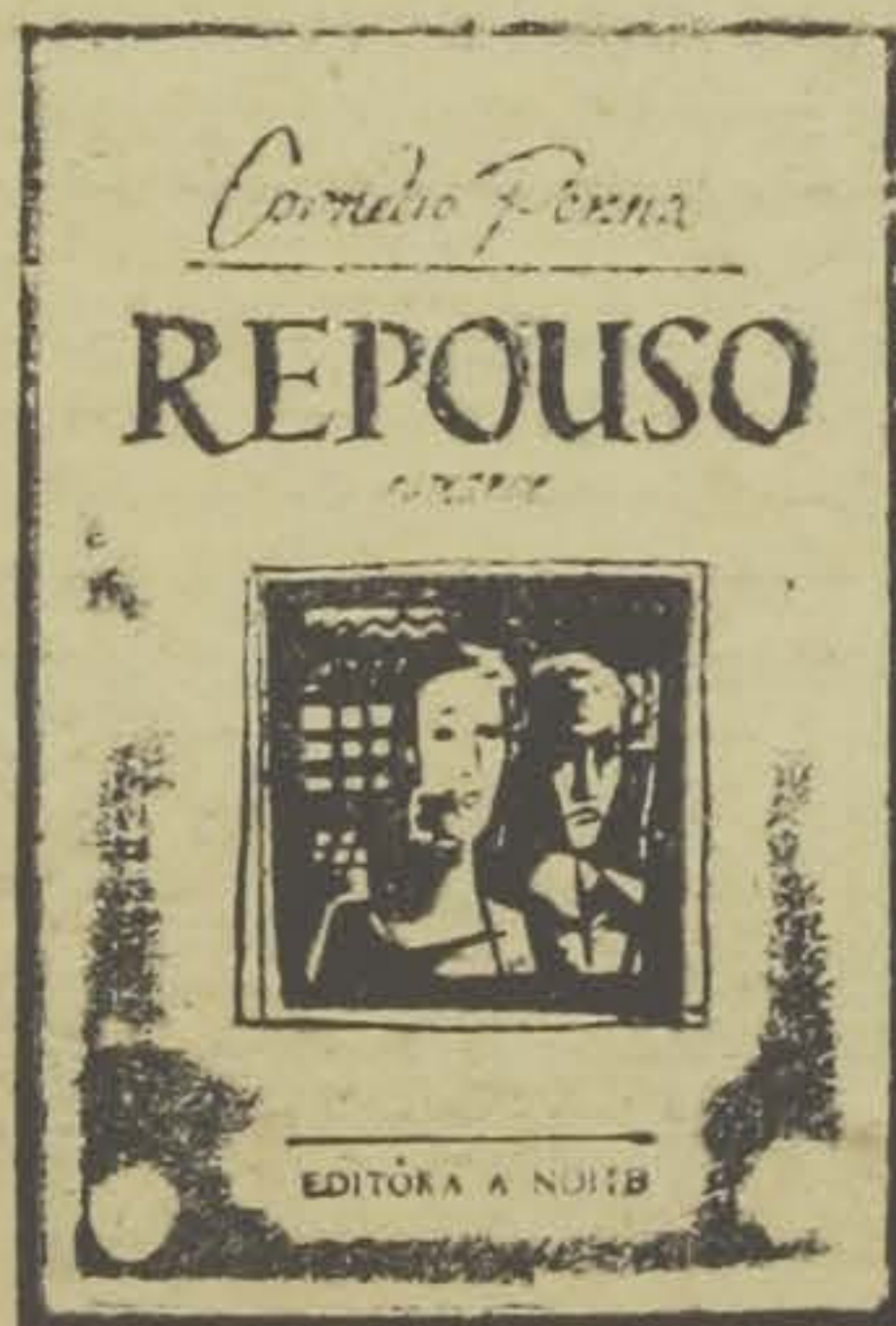
CONFISSÕES

REPOUSO

CORNELIO PENNA

Só mesmo você, João Con-
dê, poderia me levar a fazer
uma das coisas para mim mais
inúteis e ridículas, a contar
sua intimidade.

A confidência nada represen-
ta e se hoje é verdade, amanhã
será uma mentira odiosa. Acho



que contar o nascimento de um
romance em nosso espírito, con-
tar simplesmente, diretamente,
sinceramente, como pretendo
fazer aqui, é expor sem resul-
tado, aos olhos à atenção indi-
ferente do público, já que vo-
cê ameaça publicar estas pa-
lavras, a nossa mais remota in-
timidade. Mas, não faz mal, eu
prometi e aí vai a miríada irri-
sória "confissão". Como os dois
outros livros que escrevi, RE-
POUSO viveu sempre dentro
de mim, escondido, guardado,
(Conclua na pag. seguinte)

CONFISSÕES

(Conclusão da página anterior)

mas latente e bem doloroso e vivo, pois, desde que me conheço, ouvia as histórias de Itabira, de Pindamonhangaba e das fazendas de meus avós e tios, contadas de forma interrompida, desconexa, cercadas pela mais suave descrição que já me foi dado encontrar, contadas por minha Mãe. Eu guardava tudo com avidez sem demonstrar como era funda a emoção que me provocavam aqueles episódios sem uma ligação aparente entre eles, que eu recolhia e depois ligava com um fio inventado por mim. Era uma obsessão espaçada muitas vezes despedaçada pela vida, mas cujos farrapos eu recolho nos momentos de solidão, que eram muitos, em minha infância lá longe, em Campinas.

Depois, uma parenta de Itabira veio de novo para me contar as mesmas velhas histórias, mas já agora com vida, com sangue, no tumulto de sentimentos que se agitavam de todo aquele silêncio, de toda aquela serenidade endolorida das conversas tão misteriosamente doces do regaço materno. Para me livrar dela, para desabafar a compreensão do voradora que me fazia perder noites inteiras, pensando no que tudo aquilo representava de verdadeiro Brasil, de humanidade muito nossa e palpitante

eu comecei, por minha vez, contar a meus amigos o que sabia e os sentimentos que me provocavam e lhes pedia que escrevessem sobre a alma de Itabira, que resumia a do Brasil, que tão ferozmente se destrói a si mesma, deixando perder-se um tesouro preciosíssimo. Mas... era ouvido com espanto, ou então com o desdém que vi uma vez nos olhos e na boca de Raul Bopp, ou o que era pior, com incompreensão e outras interpretações que transformavam minhas pobres histórias em simples anedotas de pequena cidade. Foi então que resolvi deixar de lado o desenho, que não me satisfazia e me levava a crer que era um literato que pintava, e tentar escrever o que vivia em mim com tanta intensidade com os problemas e os caminhos que se apresentavam à minha frente. Agora, com sempre, com **FRONTEIRA** e com **DOIS ROMANCES DE NICO HORTA** foi apenas uma confidência murmurada a medo, pois que me sentia sob o domínio de alguma coisa muito maior do que a minha pobre inteligência, mal servida pelos leituras desordenadas pelo nenhum cultivo, pela incapacidade de que eu sentia tolher todos os meus movimentos. Não é sem sofrimento, sem tristeza, sem recuos, dúvidas e escrúpulos que dou forma a tudo que me vem, pois sei que tudo será

diminuído e amesquinhado pela fraqueza de minhas forças, mas sei que no fundo de tudo que vai neste livro está oculta uma mensagem, vive uma verdade cuja duração não sei prevêr. Entretanto, não quero partilhar dela, não posso explicar melhor o que devia dizer, porque confesso que não sei. E não me fica nem sequer a sensação de alívio do dever cumprido, porque também não posso afastar de mim a secreta certeza de que tudo não passa de uma pobre fantasmagoria, de um pequeno sonho demasiadamente grande para mim. E' necessário que eu me prenda, que retome o domínio de mim mesmo e não continue a desvendar segredos tão fracos e de tal pobreza que sómente provocam um sorriso. Sobre **FRONTEIRA** alguém disse que era um romance de Boris Karloff, e eu achei que tinha razão.

Meus terrores, o medo imenso que me invade quando escrevo, é apenas um pavor de criança, e esses espíritos fortes conhecem o verdadeiro lado da vida. Em **REPOUSO** dei xei que se libertassem muitas coisas, prisioneiras de meu coração, mas que nele viviam como estrangeiros sem que fizessem parte de meu ser, e se elas tiverem vida própria, e num dia eu as encontrar diante de mim independentes e altas, não as reconhecerei, e continuarão então duplamente estranhas,

sua carreira pelo mundo, talvez mais felizes e chegarão a se dissolverem nas almas dos outros. A única felicidade que me deram foi a da liberdade, da transposição livre sem peias, do esquecimento de mim mesmo e do mundo. Essa recompensa me basta mas vejo agora como disse tanta coisa e nada disse ainda de real e de quotidiano, que possa dar a ideia do nascimento da criação deste livro. Não me seria possível voltar atrás e escrever de novo esta confissão, porque, se o fizesse diria de novo tudo que, enquanto escrevia, me dava a sensação da mais pura das confidências, e no entanto, ao relê-la, sentia o sangue me subir ao rosto, de vergonha de ter mentido, ou vestido a verdade com roupas que não se ajustavam. Mas, não lerei o que está aqui, e entrego assim mesmo ao amigo João Conde.

COMO RUSKIN DEFINE A ARTE

RUSKIN, o esteta inglês que criou a "religião da Beleza" e tanto influuiu em Marcel Proust, definia a arte da seguinte maneira:

"A arte é para o homem a expressão da alegria racional e disciplinada que ele experimenta ante as formas e as leis da criação, de que ele constitui uma parte".

O CONGRESSO DE POESIA DE CAMPINA GRANDE

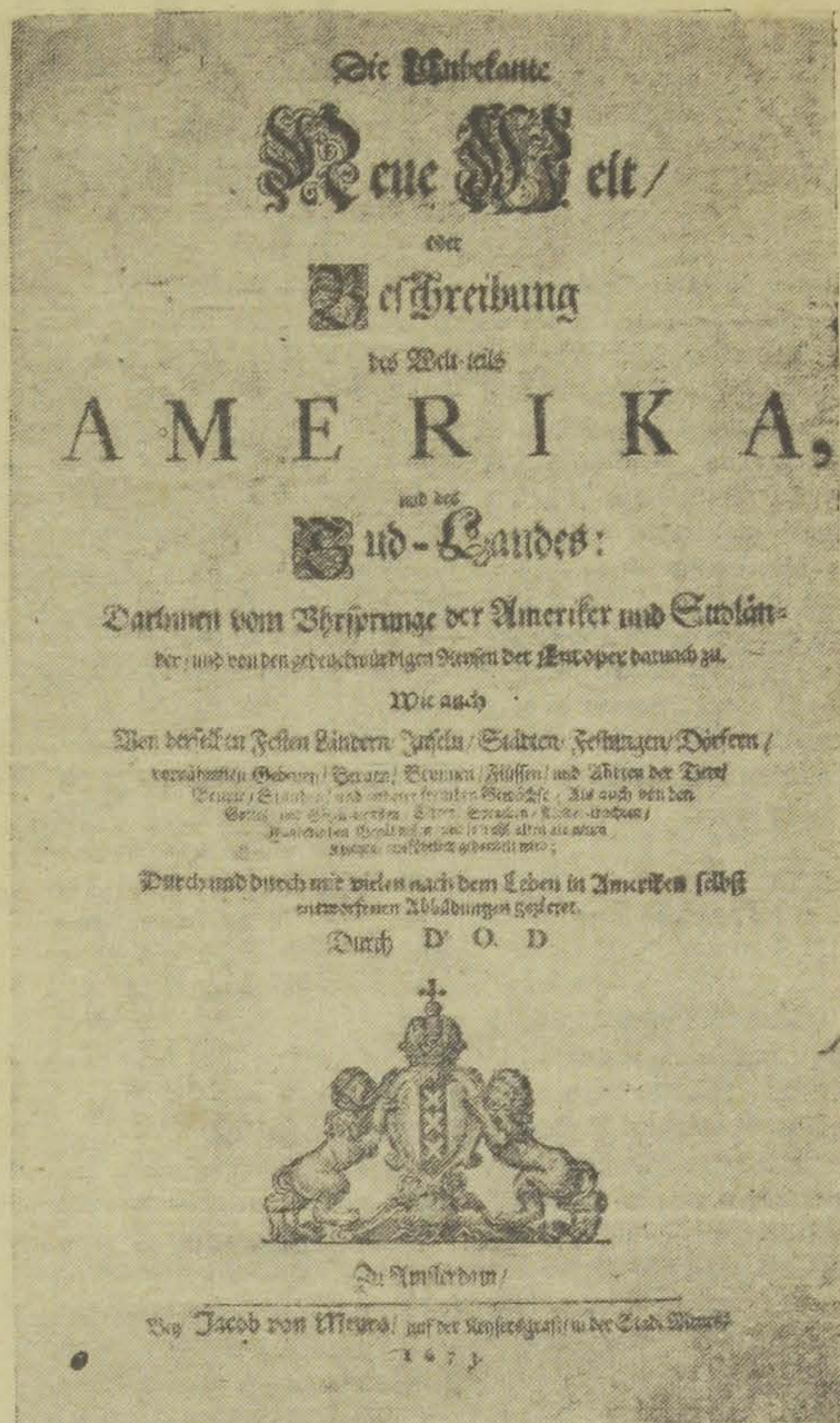
ADERBAL JUREMA

NUMA hora em que os editores e autores estão de olhos esbugalhados deante da crise do livro brasileiro, a atitude dos intelectuais campinenses, promovendo um Congresso de poesia, é extremamente significativa. Da metropole sertaneja chegam-nos os apelos dos seus mais jovens poetas para que o Congresso, a ser realizado em fins de maio, possa reunir a maioria dos poetas do nordeste.

Nenhuma cidade do norte do Brasil estava precisando tanto de um certame dessa natureza como a fatibulosa e lanquizada Campina Grande, com os seus negociantes de ouro branco, os seus garimpeiros audaciosos, os seus mercadores de automovel e geladeiras, os seus itinerantes de todos os recantos do país, numa confusão de todos os diabos e num progresso de todos os dias. Campina Grande é cidade de fama, muito conhecida em New York e Londres, Liverpool e Manchester, como o empório mais acintosamente progressista do "hintrland" brasileiro, uma espécie de São Francisco da California na fase aurea. No tempo em que o algodão

era exportado para a Alemanha de antes desta última guerra corria mundo a anedota do sertanejo eufónico e gastador, acendendo seus "havanás" nas pontas das cedulas de quinhentos mil reis...

Numa cidade destas preocupada com a cotação da bolsa de Wall Street e esquecida de Walt Whitman, eis que surge de repente uma revista — Ponto e Virgula, que é, pelo título, uma ironica advertência à civilização pragmatista de seu povo, e com ela a ideia de um Congresso de Poesia. Caminhemos, pois, de mãos dadas com os jovens poetas do sertão paraibano para esse futuro conclave. Certame que irá trazer um pouco de serenidade de lago naquele turbilhão amazonico de competições comerciais. E só assim cumprimos o nosso destino de não deixar que a Poesia seja abalada neste mundo pelo ruido das moedas trepidantes. Que a poesia em potencial, dos algodoads da Borburema, dos fundos dos rios onde brilha diamante de Teixeira e das folhas verdes do agave que está vencendo o algodão, desabroche em maio como uma flôr de muitas faces no seu imenso e universal lirismo.



AMERICA

ONDE SE ENCONTRA O UNICO
EXEMPLAR EXISTENTE NO BRASIL

As fotografias que estampamos nesta página foram tiradas da celebre obra de Olfert Dapper, médico e geógrafo holandês do século XVII, morto em 1690, intitulada *DIE UNBEKANTE NEUE WELT ODER DESCHREIBUNG DES WELT-TEILS AMERIKA UND DES SUD LANDES*, livro escrito quando se descortinavam novos horizontes antropogeográficos. As alusões e observações nele contidas acerca dos povos e costumes das nações americanas, muito embora tenham sido acusadas de falta de método, constituem magnífico material para os estudiosos do nosso passado.

Dapper, que segundo a sua bibliografia era um pesquisador de povos e culturas exóticas, deixou nesta sua obra, valiosa contribuição para o conhecimento do Nordeste brasileiro.

O livro foi editado em 1673, por Jacob von Meurs, em Amsterdam, e o único exemplar existente no Brasil é uma autentica raridade que se acha na Biblioteca Pública da Paraíba.

Abrindo este suplemento reproduzimos uma carta do Recife, extraída da obra que hoje apresentamos.

EM Biblioteca Exótica Brasileira, de Alfredo de Carvalho, lemos à página 11:

"Netscher" diz que esta obra (1) é um dos plagios mais escandalosos que tem sido praticados, tendo Dapper copiado literalmente a obra de "Montanus"; — De Nieuwe en Onbekende Weerld, — publicada pela primeira vez em 1671 em hollandez, na qual este descreve minuciosamente o Brasil, as guerras com os holandeses e a partida do Conde Mauricio de Nassau, etc. etc. dando-se como autor da mesma.

O dr. J. C. Rodrigues (Cat. cit. n.º 814) perfilha esta cpi-

ção de "Netscher" que aliás é a de muitos criticos; mas ALFREDO DE CARVALHO, estudando este caso, provou exuberantemente em um longo artigo publicado na REV. DO INST. "ARCHEO. E GEOG. PERNAMBUCANO" n. 77 pag. 349, do qual uma separata, que tal acusação era infundada, não merecendo o dr. Dapper o epitheto de — plagiário.

Este trabalho importante do ilustre bibliophilo pernambucano será publicado em outro volume, por ser muito longo. (E. T.)"

(1) — AMERICA.

VARIAS

A PROVINCIA E SUA SIGNIFICAÇÃO

Dentro de mais alguns dias, será lançado pela Livraria Pedroza, de Campina Grande, enfeitado em volume, o discurso pronunciado pelo escritor Lopes de Andrade, na Academia Paraibana de Letras, ao tomar posse na cadeira de Maximiano Machado.

Nesse discurso, o novo acadêmico estuda detalhadamente a vida e a obra do historiador paraibano, levantando a tese da significação da província no panorama atual da literatura brasileira.

UMA HISTORIA É UMA INTRIGA

DOUSTRINANDO sobre a arte do romance, o escritor inglês E. M. Forster interroga: O que é uma intriga? E propõe esta explicação: "O rei morreu; depois, a rainha morreu" — eis — diz ele — uma história. "O rei morreu; depois, a rainha morreu de tristeza" — eis — diz ele — uma intriga.

PROUST

A "REVISTA BRANCA" que deve lançar dentro em pouco uma antologia de novos contistas brasileiros, está preparando também uma outra, na qual reunirá matéria variada sobre a obra do autor de "A Procura do Tempo Perdido".

VERLAINE

COMPÔS o prof. Michel Simon um livro à altura de seus méritos intelectuais e de sua sensibilidade poética. O livro "Paul Verlaine et le Brésil" (E. Agir). Livro de poemas e desenhos, destinado a fixar traços da influência exercida pelo grande poeta em nossa paisagem cultural. A antologia compõe-se de uma série de poemas do pobre Le-lian e de um conjunto de textos originais de autores brasileiros sobre Verlaine ou inspirados por ele. Aí estão, nessa

segunda parte, Tristão de Ataíde, Schmidt, Cecília Meireles, Bandeira, Vinícius de Moraes, Guilherme de Almeida, Jorge de Lima, Mário de Andrade, Roberto Corrêa, Murilo Mendes, Alphonsus de Guimarães Filho e vários outros. Ilustram as páginas da seleta Noemia, Santa Rosa, Guignard, Atois, Bulcão, Bela Pais Leme, Maria Helena Vieira da Silva, Eros Gonçalves, Vladimir Alves de Souza e Vicente do Rego Monteiro. Michel Simon escreveu para essa obra uma introdução lucida e compreensiva, enquanto Onestaldo de Pennafort, autêntico verlaineano, se encarregou de uma completa biografia brasileira de Paul Verlaine. Esta é, portanto, uma obra original e do maior interesse do ponto de vista cultural.

POLÍTICA INTERNACIONAL

FOCALIZANDO os imperialismos russo-soviético, britânico e americano, Italo Zingarelli escreveu "Três imperialismos em luta", obra bastante útil como elemento de informação sobre as ligações internacionais no mundo moderno. Editou o volume em português a IPÊ, em tradução de Asdrubal Mendes Gonçalves.

LOCAL DE NASCIMENTO

NOTICIANDO homenagem prestada a José Geraldo Vieira por motivo da sua recente eleição para a Academia Paulista de Letras, o suplemento literário de "A Manhã", a cargo de Jorge Lacerda, indicou como Estado do nascimento do romancista o da Bahia. Deve haver engano. A tese do médico, sobre "O Instinto Sexual", registrava Acores, em Portugal...

EDIÇÕES VECCHI

Dois novos lançamentos acaba de fazer a editora Vecchi: — "Marcha nupcial",

romance de Berta Ruck, traduzido por Marina Guaspari, aparece na coleção "Os Mais Belos Romances", história urdida de maneira a manter vivo o interesse sobretudo de leitoras, um enredo bem cinematográfico.

"U'a mulher no meu passado", peça de Oscar Wilde, em tradução também de Marina Guaspari, aparece na coleção Os Maiores Éxitos da Tela ligando esse lançamento editorial à lembrança do filme estrelado por Paulette Goddard, Hug Williams. (Título em inglês — "An Ideal Husband").

O CÂNHÃO DE EDUARDO PRADO

SEGUNDO um depoimento de Afonso Arinos, Eduardo Prado tinha na sua fazenda do Brejão um canhão que ele fazia tróar para saudar os visitantes do seu imponente domínio rural.

REVISTAS DE LITERATURA

ESTÁ circulando o número 4 de "Colégio", a revista cultural paulicéia, com excelente apresentação gráfica e matéria abundante. Merece destaque, pela discussão que podem suscitar os pontos de vista defendidos na chamada Mesa Redonda sobre a "Situação da Arte e do Artista no Mundo Moderno", com sempre, houve a derivação para o campo político. Lanari Junior, Jorge Pacheco, Chaves Filho, Francisco Luiz Ribeiro, Léo Ivo, Walter Benevides, Roland Corbisier e outros assinam diversos.

FANTASIA NUMA NOVELA

TRABALHANDO de parceria, Tadeu e H. Mario editaram fantasia numa novela à moda de Wells, atraente e, sob certos aspectos, empolgante: "O Colar de Sidera" (Editora Brasiliense).

TRADUÇÕES

PROSSEGUINDO na divulgação, em português, da obra do escritor americano John dos Passos, a Editora Guaíra recém-editor, em tradução de Enéas Camargo, mas conservando o título original, a obra "Manhattan Transfer", uma das mais características daquele romancista. Procurando definir "Manhattan Transfer" Max Dickmann disse que "o livro abarca um período de vinte e cinco anos de crescimento e da decadência, não somente de uns cem ou mais personagens, senão de toda a massa da população, desses milhões que adivinhamos palpitando detrás dos personagens principais. Obra que começa como um vôo de gaivota, é um vôo, uma ascensão vertical até a conquista material e espiritual de uma gigantesca cidade por uma geração desfiada. A ação, os personagens e as paisagens são o resultado de uma sucessão de visões, de pequenas histórias, que sem estar ligadas, dão a sensação de um todo orgânico, por sua arquitetura equilibrada, sóbria e límpida como a dos arranha-céus".

PROMESSAS

ESTÁ anunciado para breve o novo livro de contos de Helena Silveira, recentemente premiado, que se chamará "Mulheres frequentemente".



Capa do livro "Ingleses no Brasil"

DIREITO E SOCIOLOGIA

Novos rumos do Direito Público

GLAUCIO VEIGA

Os novos rumos do Direito Constitucional vem merecendo de vários tradutores estrangeiros, uma análise percuciente, no sentido de uma revisão total dos clássicos padrões jurídicos.

Os princípios constitucionais, especialmente, não se alimentam de injunções políticas. O direito público não é mais uma obra de retórica bunilada, como o esculpiu o liberalismo clássico.

Hoje, aos nossos olhos de geração da crise, os conceitos fundamentais maneirados pelos publicistas perderam o seu conteúdo. Chegou-se mesmo a uma inversão completa desses valores jurídicos já que eles desajustaram-se com as realidades objetivas.

Nem pecaria por exagero ao afirmar que o espírito de revisão acima mencionado, enquadra-se numa atitude de reforma.

No Brasil, poucos acompanharam o galope das mutações bruscas e radicais da ordem jurídica, neste século, a exceção de um Francisco de Campos, sempre em dia com tudo que é novo, de um Waldemar Ferreira ou um Caio Lucio Bittencourt.

Portanto, é de propósito que me detenho sobre dois estudos que muito embora divorciados pelo tempo, casam-se pela identidade de ideias.

O Regime dos Estados na União Americana — Prof. Oswaldo Trigueiro — Cia. Editora Americana — 1942.

x x x

Princípios Gerais do Direito Constitucional Moderno — Prof. Doutor Pinto Ferreira — Editora Jornal do Comércio — 1949.

O Prof. Oswaldo Trigueiro, cuja modesta re-

nitente e avara me subtraiu, por longos anos, a leitura de seu livro, constituiu verdadeira surpresa. Ainda menino, tenho uma recordação do autor como Prefeito da Capital. Somente, distanciado da Paraíba por vários motivos, não estava em condições de julgar, ao primeiro olhar, os seus valores. Confessava há dias a Edson Regis, na Faculdade de Direito, esta surpresa. Tanto minha, como do prof. Pinto Ferreira o qual aliás citou, em aula, "O Regime" como um dos mais completos trabalhos em língua portuguesa sobre o federalismo americano.

Para o prof. Oswaldo Trigueiro a experiência federal americana é a que tem merecido maior interesse, por parte dos teóricos políticos. Mas, em que peze o êxito do federalismo yankee, êxito que segundo o autor repousa na prioridade e longevidade da estrutura política, não se pode fechar os olhos aos pontos vulneráveis do sistema federal, verdadeiros focos de crise de autoridade e desagregação. E — continua o autor — um dos resultados dessa crise é, não uma revisão mas uma rejeição dos modelos clássicos do federalismo, uma rejeição do federalismo como forma de organização política por incompatível com as condições do Estado Moderno.

A tendência nos E.E.U.U., nos dias que correm, é para o federalismo centralizado, abandonando os velhos moldes do sistema centrifugo. A intervenção judicial nos Estados-Membros é, sem dúvida, um dos aspectos marcantes desse "centripetismo".

Da conceituação de federalismo conforme Calhoun e Seydel (o autor cita Seydel cfr. p. 13), passando através de Jellin-

ck, Borel e Laband, ao moderno pensamento de Kelsen, Verdross e Kunz, podemos acompanhar de perto a evolução da ideia de federalismo. Um tema tão sugestivo para ser gostosamente lido, escarpou ao ilustre prof. Oswaldo Trigueiro.

Assim, se em 1849, vemos Calhoun no seu "Discourse on The Constitution and Government of the United States" negar a soberania da União, acompanhado pelo jurista bávaro Seydel (Cfr. Der Bundesstaatsbegriff. Eine staats rechtliche Untersuchung), modernamente, Hans Kelsen afirma que "nem o Estado Central, nem os Estados-Membros são soberanos e se a soberania pode corresponder, efetivamente, a uma ordem será com toda a segurança à de comunidade total que se acha estruturada pela constituição total". Julga o mestre de Viena processar-se no moderno federalismo "die physische I — Identität der Organ. trage bei Verschiedenheit der Organe" — uma identidade física de titulares dos órgãos e uma diversidade desses mesmos órgãos.

Detendo-se sobre a evolução da União Americana o pensamento do autor assim se resume: primo, a independência americana e, em consequência, as constituições estaduais, não alteraram em substância a estrutura da nação (p. 52). segundo, a ideologia liberal inglesa, firmada no princípio da supremacia da lei, dos direitos naturais e, ainda, a separação dos poderes informavam o conteúdo ideológico das cartas constitucionais americanas (p. 55).

O fato de dois Estados — Connecticut e Rhode Island — nem sequer votarem suas constituições, pro-

va de maneira irrefutável que a Independência americana foi revolução "por cima". Munro chega a escrever que as constituições foram obras de senhores de dinheiro, de potentados.

O meu ponto de vista, melhor desenvolvido em minha futura tese "A Família Contra o Estado — Uma Introdução ao Familismo no Brasil" vai encontrar apoio no magnífico livro do prof. Herbert Tingsten "Nordamerikas Fortenta States", pouco conhecido, aliás, por ser escrito no idioma de Axel Munthe.

A um publicista do estofo de Borgeaud, imutabilidade da ordem jurídica, transmitindo-se, imaculadamente, post-Independência, não passou despercebido. Já ele apontava, verbi:

"Lorsque les communautés démocratiques de l.^a Nouvelle Angleterre devinrent de véritables États, la conception puritaine, reprise et systématisée par la philosophie, était devenue la Théorie du contrat social. Sous cette forme nouvelle, elle préside à l'élaboration et à l'établissement des constitutions américaines de l'époque révolutionnaire" (Borgeaud — Etablissements et Révisions des Constitutions — p. 167).

Idêntico processo sociológico, vamos observar no Brasil. A aristocracia brasileira luta para se livrar da aristocracia lusa. Não gastou dinheiro, nem muito menos se sacrificou para destruir o status monocultor latifundiário escravocrata o que seria suicídio, é claro. Por tudo isto perduraram os males econômicos e sobreviveu a anemia financeira dos tempos coloniais. Não deve causar espanto, portanto, a ideia do ministro Nogueira da Gama, ideia de sabor bem lusita-

no, quando no seu relatório de 26 de set. de 1826 — quatro anos após a Independência — sugeria ao Imperador uma transfusão financeira com as libras dos Rotahilds. Era recomendar a caminhada pelo terreno escabroso do emprestimo, politico financeira, nitidamente, portuguesa. Dizia o futuro Marquês de Baependi:

"Estes meios (os empréstimos) nos são oferecidos por capitalistas ingleses, sem os solicitarmos (sic) como tem feito varias nações da Europa... (Cfr. História Financeira e Orçamentária do Império do Brasil, Liberato Castro Correia — 1889).

Se as perspectivas financeiras orientavam-se pelo anacrônico riscado de Portugal, o traçado administrativo continuava se esboçando pelo figurino colonial. E' o caso das capitánias enfeudadas, transformando-se em provincias, nominalmente, e, silenciosamente. Na verdade não se pode fixar uma data, nem um ato do executivo onde se encontre a extinção das capitánias e, consequente, criação das provincias. A não ser que se considere como tal, o decreto de 29 de setembro de 1821 que extinguiu os postos de capitães-generais.

Esta similitude, entre a formação da America Inglesa e a da America Latina escapou à observação de Oliveira Lima e Manuel Bonfim, nos seus conhecidos paralelismos históricos.

Observou, por conseguinte, judiciosamente, o prof. Osvaldo Trigueiro a continuidade ideologica, politica e jurídica, cabendo o mesmo arcabúgo econômico colonial que perdurou, post-Independência, nos EE.UU..

Outra não é a interpretação de Munro, ao qualificar os atuais chefes de executivos como sombras dos governadores coloniais e ao cotejar a influencia das assembléias locais, com as câmaras altas:

"The State Governor of today, for example, is the

lengthened shadow of colonial governor, for each of the thirteen colonies had a governor as its chief executive" (p. 18).

"In addition to being the upper house of the colonial legislature, this body served as the governor's council, advising him and sometimes controlling his appointments. Its principal functions, in fact were executive and judicial rather than legislative. Here originated, by way, our present-day practice of giving executive duties to the governor's appointments" (p. 25) — (Cfr. William Bennet Munro The Government of the United States, National, State and Local — N. Y. — 1946).

Entre os legados dessa herança, aí está o bi-partidarismo anglo-saxão, transplantado para o novo mundo. Partidos, na essencia, "Uno", dispostos num sistema de vasos comunicantes. Escorrega a critica do prof. Osvaldo Trigueiro:

"Não sustentando quaisquer doutrinas, além da preservação das instituições livres do país, por um e outro taken for granted, nem dirigindo ou controlando a opinião publica ou a conduta dos governos, os partidos americanos devem ser menos considerados como tais, do que como aparêlhos legais, ordens civicas, ou corporações de direito público, utilizadas restritamente, como instrumentos de seleção dos governantes do país". (p. 115).

No Brasil, a cousa não afinou por diapasão diferente. Os dois velhos agrupamentos — liberais e conservadores — apresentavam iguais programas e equipolentes medidas. As vezes, elementos rotulados de liberais professavam idéias as mais retrogradadas. Exemplo esplendido de desorientação é Martinho de Campos, arregimentado entre os liberais e escravo, crata ardoroso como qualquer conservador de quatro costados.

Fulminou Oliveira Viana

os dois monstrenhos politicos do Império, quando os tachou de "agregados de clãs, organizados para a exploração, em comum, das vantagens do poder.

Se faltam aos partidos americanos, no dia de hoje, uma consonancia com as realidades sociais e economicas, se estes dois partidos politicos são antes "survivals" ideologicos que reflexos de uma ordem socio-economica, como, agudamente, reconhece e aponta o prof. Osvaldo Trigueiro, conclue-se que o sistema judiciário yankee orientado pelo principio da eletividade, vivendo em função desse bi-partidarismo é falho.

E aqui nos opomos ao prof. Osvaldo Trigueiro quando o culto jurista pensa:

"... embora obsoleto e complicado, o sistema judiciário americano não torna impossivel uma justiça decente... (o grifo é nosso) — (p. 202).

Será o nosso assunto de domingo próximo.

SONETO DE RONSARD

(Tradução de MANUEL BANDEIRA)

FOI PARA VÓS QUE ONTEM COLHI, SENHORA
ESTE RAMO DE FLORES QUE ORA ENVIO.
NÃO NO HOUVESSE COLHIDO, E O VENTO E O FRIO
TÊ-LAS-IAM CRESTADO ANTES DA AURORA.

**MEDITAI NESSE EXEMPLO, QUE SE AGORA
NÃO SEI MAIS DO QUE O VOSSO OUTRO MACIO
ROSTO NEM BOCA DE MELHOR FEITIO,
A TUDO A IDADE ALTERA SEM DEMORA.**

**SENHORA, O TEMPO FOGE... O TEMPO FOGE...
UM DIA MORREREMOS, E AMANHÃ
JÁ NÃO SEREMOS O QUE SOMOS HOJE...**

**POR QUE É QUE O VOSSO CORAÇÃO HESITA?
O TEMPO FOGE... A VIDA É BREVE E É VÃ...
POR ISSO... AMAI-ME... ENQUANTO SOIS BONITA.**

Os Incas no Relato de Leguizamo

HILTON MARINHO

POR um destes dias, em que o não ter o que fazer em qualquer parte ou recanto desta nossa pequena cidade, me obrigou a permanecer em casa, me propus a tarefa de pôr em ordem meus livros, arrumados as estantes, espalhando inseticida nos quatro cantos das prateleiras e ao mesmo tempo folhear alguns velhos conhecidos ou travando conhecimento com alguns outros de mais recente aquisição. O acaso me propiciou um feliz encontro, colocando em minhas mãos um exemplar do testamento de M. S. Leguizamo, excelente depoimento sobre os Incas do Perú, que muito era meu propósito conhecer.

O relato daquele soldado espanhol, muito embora não represente literaria ou historicamente um grande livro, seja por pobreza de estilo ou erros de interpretação dos fatos históricos, nos aparece, entretanto, como um dos mais tremendos libelos contra os métodos de conquista dos espanhóis no Novo Mundo ao mesmo tempo que, uma verdadeira exaltação ao regime economico-social do Imperio dos Incas. Nada

permite, segundo o professor mais eloquente, nenhum elogio mais belo da organização do Imperio incaico, que a observação de Leguizamo—"Los Incas gobernarón a sus pueblos de tal manera que no había ni un Indrón, ni un hombre vicioso, ni un ocioso, ni una mujer adúltera o de mala vida..."

Esta organização social e economica, se nos apresenta ainda mais admirável, se observarmos as condições precárias e hostis do "Habitat" dos povos incas, a pobreza do solo, o inexistível. A organização economica do Imperio, suas leis sociais, sua arregimentação politica, levaram muitos autores, entre eles Martens e Lorente a qualificá-lo de socialista; desta maneira o Perú pré-colombiano se antecipa à Inglaterra de nossos dias, em algumas centenas de anos, na organização de um Imperio Socialista. Reclus admitia a existencia de uma organização socialista do Imperio Inca, apontando como prova a fundação de sua afirmativa, o fato da terra no Perú ser objeto de um direito de propriedade coletiva dos habitantes.

Muito embora não seja na atualidade uma teoria unanimemente aceita, principalmente depois das publicações de E. J. Payne Cunow refutando e combatendo a existencia de um estado socialista no Perú antigo, somos forçados a acreditar que, embora não tivesse sido um Estado socialista puro, era o Perú dos Incas, um Estado de organização mais socialista que individualista. Esta organização de tendencia socialista é reconhecida e exaltada pelo professor Louis Baudin no seu magnifico "L'Empire socialiste des Inka" depois de uma serie de considerações a luz dos mais modernos conceitos do socialismo, frente a Economia e ao Direito. Para o professor Baudin, houve no Perú um coletivismo agrario e em seguida um socialismo de Estado: o primeiro destes regimes, anterior no Imperio Inca, o segundo estabelecido por eles; um, resultante de uma larga evolução e o outro criação do genio humano. Esta superposição das comunidades agrarias e do socialismo de Estado, sor francês, resolver as contradições que encontramos em um grande número de

obras dedicadas ao assunto.

Voltando porém ao depoimento de Leguizamo, vamos encontrar bem nitido e visível o respeito a autoridade do chefe e a lei característica aliás bem presentes nos regimes socialistas, quando, referido-se ao Inca, afirma "Quiere que las leyes sean respetadas; sabe que toda debilidad con respecto al culpable es un peligro para el inocente y que es, a menudo, más meritorio castigar que perdonar". Esta exigencia da autoridade suprema no cumprimento da lei, permitiu o estabelecimento de quele regime de cooperação e obediência de respeito e trabalho, que viria maravilhar e enciumar os civilizados do Velho Mundo, levando-os a exaltar a civilização dos Incas do Perú em seus livros ao mesmo tempo que, destruí-la impiedosamente a tiros de carabina e em nome da civilização ocidental.

Por isto nos pareceu o relato de M. S. Leguizamo, uma como que penitência dos crimes cometidos, um depoimento ditado pelo remorso.

Alguns Ensaaios de Fernando Pessoa

(Conclusão da última página)

nas suas criações poeticas, onde teria desempenhado uma função organica e preponderante. Deixei a oportunidade que assume aquele conceito de José Régio em sua Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa ao acentuar, como característica fundamental na poesia de Fernando Pessoa, "a unidade que lhe dá o predomínio da intelligencia, do calculo intellectual, da tortura da sensibilidade pela razão".

Seria oportuno sugerir que justamente sob esse aspecto, o poeta foi um espirito critico do seculo passado, através de cuja herança intelectual teve de realizar a sua formação literaria. Todos sabem nos, por demasiado sedição em que se encontra hoje a questão, que a revolução dos hábitos de pen-

samento operada pelo legado carteziano — denominador comum de toda a atividade especulativa do espirito moderno — atingiu precisamente no seculo passado a sua vibração mais aguda e provocante, traduzindo-se de preferencia no espirito de sistema. Esta, a lição que recebeu Fernando Pessoa, emprestando-lhe adesão entusiastica e da qual nunca se libertaria. Congenita era a sua própria ação espiritual, e isso se refletiria em todos os gestos de sua presença literaria, identificando todas as suas criações.

Dentro dessa ordem de

idéias em que situamos a obra de Fernando Pessoa, notadamente os seus estudos de especulação literaria filiados à melhor tradição do seculo passado, resta acrescentar uma última particularidade como elemento ilustrativo. É que Fernando Pessoa preferiu desdenhar em mais de uma oportunidade, a importancia da experiencia simbolista dos grandes poetas franceses, que no plano em que se situaram como antecipadores de passos mais decisivos, pareciam reagir contra aquela tendencia dominante do pensamento novecentista.

A esse respeito as manifes-

tações da má vontade do poeta são de facil alcance, e as suas palavras não permite qualquer dúvida: — "A elevação só pode ser verdadeiramente e completamente elevação, quando, ao contrário do que ocorre com o simbolismo francês que não caracteriza um grande periodo criador, é universalizada intensificada por poetas à altura dessa elevação". E logo em seguida: "A não ser assim que se dá, como a citada corrente francesa, sempre proxima da mera exquisites e extravagancia do puro delirio às vezes, constantemente imperfeita e deselevada da altura a que um ou outro verso, em rarissimos poemas, intermitentemente atinge".

Alguns ensaios de Fernando Pessoa

JARBAS DUARTE

Os ensaios de Fernando Pessoa são em sua grande parte pouco vulgarizados no Brasil. Circunstancias diversas concorrem para isso; e não vamos, aqui, fazer o inventário das mesmas, sendo lícito apenas aludir ao fato em si, que importa no desconhecimento generalizado do conteúdo da obra doutrinária do poeta.

O caso é que uma chance mais favorável trouxe às nossas mãos algumas de suas páginas mais sugestivas no genero aparecidas antes a seu tempo na revista portuguesa A AGUIA que foi uma especie de órgão oficial no movimento de renovação poetica conhecido por "Renascença Portuguesa".

Esses estudos vistos em conjunto, revelam as tendencias, as características dominantes na obra de doutrinação poetica de Fernando Pessoa, que através dela se afigura como teórico principal de um movimento de repercussão duradoura nas modernas letras portuguesas.

Pondo de lado o seu caracter de estudos de circunstancia, si não mesmo de proselitismo poetico, proveniente talvez, da contingência literaria em que foram escritos e sob cujo estímulo vieram a publico, podemos distinguir nos ensaios de Fernando Pessoa uma constante principal: espirito de sistema absolutamente rigido de que estão impregnados.

Com efeito, chega a desconcertar o leitor, às vezes influenciado pela legenda de arbitrário e subjetivo que sempre acompanha os poetas a feição rigorosa predominante nas suas teorias sobre o fenomeno poetico, que tendendo para os extremos, lhes confere um certo sentido de construção abstrata.

A ocorrência é tanto mais singular e surpreendente, porquanto assistimos ao esforço penoso desenvolvido pelo ensaista, não só para caracterizar em termos quanto possível nítidos e exatos a fisionomia do movimento mencionado, como também pretendendo, na se-

quencia de suas deduções, prever o seu destino no tempo. Neste particular, cumpre destacar um pormenor precioso, bastante expressivo da indole de sua intelligencia: contido na passagem em que profetiza como fato necessariamente previsível e certo, o próximo aparecimento do poeta supremo da raça portuguesa.

No seu breve estudo intitulado A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada,

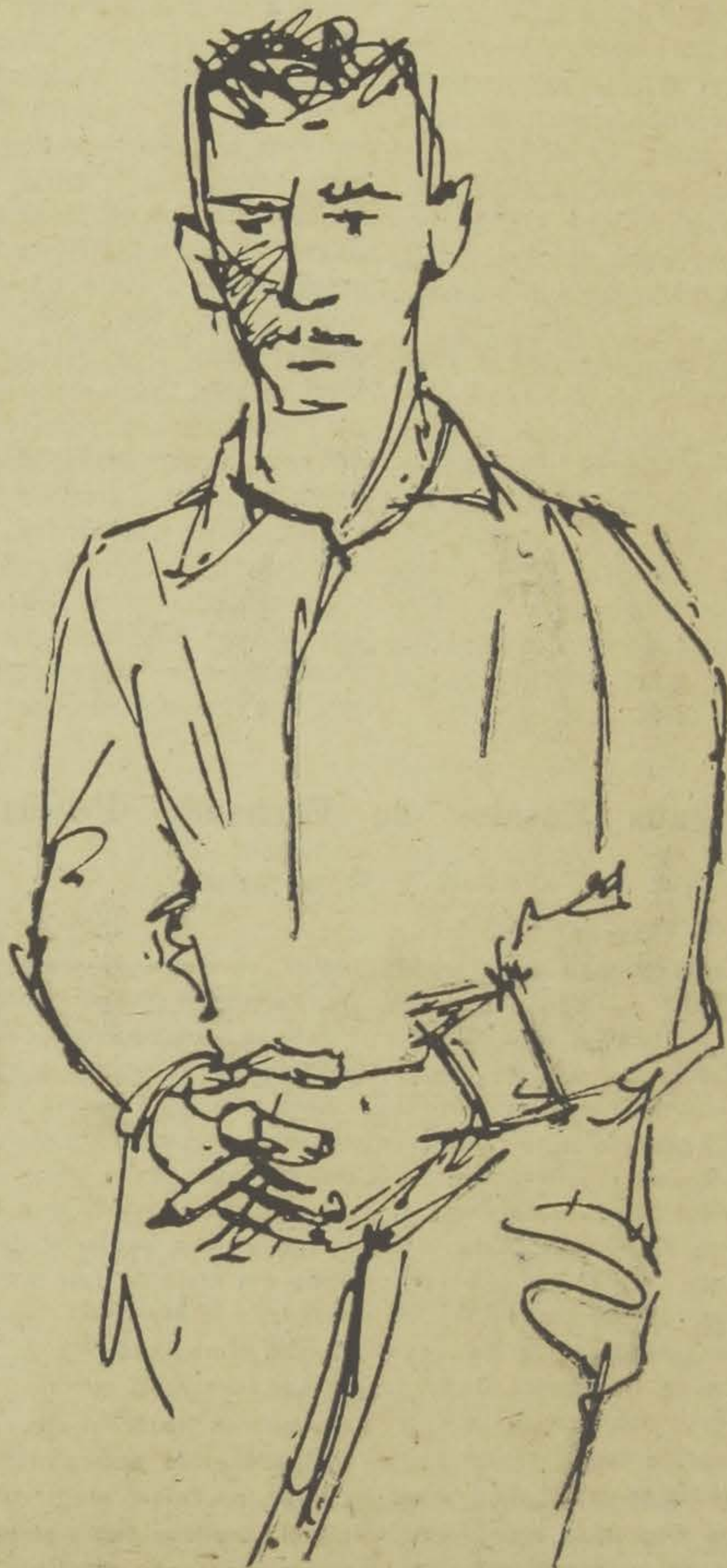
depois de responder à objeção de que "o atual momento politico não parece de ordem a criar genios supremos, de reles e mesquinho que é", Fernando Pessoa chega a esta afirmativa categorica: — "precisamente por isso que mais concluível se nos afigura o próximo aparecer de um super-Camões em nossa terra". Este detalhe não passou sem reparo, e o seu contemporaneo Alvaro Ribeiro, no comentário que faz

desses estudos, onde nos relata o relativo escandalo com que foi recebida em Portugal tal affirmação, adverte que esse "elemento de profecia não estava já na linha da coerencia do pensador, e representa intencionalmente um excesso de cerebralismo do ensaista, tomando-se em conta que a afirmativa não vem lançada à solta e repentina surgindo antes como uma das muitas conclusões dos estudos de Fernando Pessoa decorrentes de determinadas premissas de um raciocinio dedutivo.

Seja como for, porém, o poeta revela-se aí o grande tirico da intelligencia que sempre foi, e de cujas manifestações os seus estudos são abundantes de exemplos. Na exposição de sua doutrina literaria, vamos encontrá-lo partindo sempre de premissas definidas em termos restritivos para seguir o raciocinio com uma convicção inabalavel, atingindo por vezes às generalizações mais audaciosas.

Talvez seja esse um dos aspectos mais curiosos a destacar dos seus ensaios: o da sua subordinação multiforme às regras do metodo sistematico, sobre cujos fundamentos faz levantar a estrutura de todas as suas teorizações da materia literaria propriamente dita. Ao certo, o poeta devotava uma confiança nunca de mentida, uma crença inabalavel no poder das idéias ordenadas em raciocinios, não sendo surpresa para o leitor atento vê-lo exclaimar a certa altura, com exaltação inopitanda: — "tenhamos a coragem de ir para aquella alegria que vem das lanchadas para onde o raciocinio nos leva".

Convem lembrar, e este é o momento de fazê-lo, que essa característica geral de supremacia da razão nos ensaios de Fernando Pessoa não constitue uma exclusividade dessa obra, tanto assim que numerosos criticos a assinalaram também. (Conclue na página 15)



"Homem de mãos cruzadas" — Estudo de Darel